

## B7 - Restingas

O termo restinga, em seu sentido geomorfológico, define uma elevação arenosa alongada, depositada paralelamente e próximo à linha da costa, acima do nível da maré alta (Dias & Silva, 1984).

Segundo Dias & Silva (1984), as características geomorfológicas das restingas dependem, basicamente, da interação de forças de alta energia tais como ondas, marés, ventos e influxo fluvial, além das constantes variações do nível do mar em relação ao continente (glacioeustasia, tectono-eustasia, glacioisostasia, oscilações do geóide, etc).

Pode-se caracterizar as restingas como planícies costeiras formadas por sedimentos terciários e quaternários, depositados predominantemente em ambientes marinho, continental ou de transição. Estas estão, muitas vezes, associadas a desembocaduras de grandes rios e/ou reentrâncias na linha de costa, limitando estuários, lagunas, ambientes de praia e pântanos. Seu posicionamento a torna de extrema relevância para a dinâmica dos ecossistemas costeiros (Silva, 1999).

Do ponto de vista fitogeográfico, este termo designa um conjunto de ecossistemas dominados por formações pioneiras de influência marinha e fluvial (vegetação halófila, limnófila, psamófila e litófila), além de formações campestres, savânicas e florestais (Waechter, 1990). No entanto, Araújo (2000) considera que as formações de restingas são matas costeiras de grande heterogeneidade, que incluem formação sujeitas a condições de escassez ou saturação hídrica e que recebe forte influência das formações de Mata Atlântica adjacentes. Araújo (2000) considera ainda que nas formações podem ser encontradas mais de 12 comunidades em resposta às condições ambientais (Figura II.5.2-52).

As planícies costeiras formadas pela justaposição de cordões litorâneos são uma das feições mais marcantes do sudeste do Brasil. Nestas, atualmente, podem ser encontradas praias, dunas frontais e cordões litorâneos (Panitz *et al.*, 1994).



**Figura II.5.2-52 - Visão geral da mata de restinga típica no Parque Nacional de Jurubatiba (Macaé/RJ).** Fonte: [www.peld.biologia.ufrj.br](http://www.peld.biologia.ufrj.br)

Na área de influência do Complexo PDET são registrados trechos dominados por formações de restinga. As principais formações de restingas são mostradas a seguir, com base nos mapeamentos da Petrobras (1993), Araújo (2000) e Ximenez & Falcão (2000) (Figura II.5.2-12). O Quadro II.5.2-18 apresenta os principais blocos de restinga ocorrentes na área de influência indireta do Complexo PDET (Araújo, 2000)

**Quadro II.5.2-18 - Principais blocos de restinga ocorrentes na Área de Influência Indireta do Sistema de Rebombeio e Escoamento, com os municípios em que eles se inserem.**

BLOCO	MUNICÍPIOS
São João da Barra (SJB)	São João da Barra
	Campos dos Goytacazes
	Quissamã
	Carapebus
	Macaé <sup>a</sup>
Macaé (MAC)	Macaé <sup>b</sup>
	Rio das Ostras <sup>a</sup>
Barra de São João (BSJ)	Rio das Ostras <sup>b</sup>

(continua)

Quadro II.5.2-18 (conclusão)

BLOCO	MUNICÍPIOS
Cabo Frio (CFR)	Armação dos Búzios
	Casimiro de Abreu
	Cabo Frio
	São Pedro da Aldeia
	Arraial do Cabo
	Iguaba Grande
	Araruama
	Squarema

<sup>a</sup> – Norte do município<sup>b</sup> – Sul do município

Em MMA (2002a) estão classificadas como áreas prioritárias para a conservação sendo classificadas como “muito alta” as restingas de São João da Barra, Campos dos Goytacazes e Macaé; enquanto as restingas de Squarema, Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio e Búzios são consideradas de “extrema” importância para a conservação. Considerações de extrema relevância sobre o grau de conservação das formações de restinga no Estado do Rio de Janeiro são apresentadas por Rocha *et al.* (2003). Segundo este último, a única formação inclusa nos grandes blocos de remanesces florestais são as formações de restinga de Jurubatiba.

Releva-se mencionar ainda que, a biodiversidade das formações das restingas fluminense é uma das mais bem conhecidas do litoral fluminense. A flora começou a ser levantada na década de 30. Desde então levantamentos sistemáticos começaram ser feitos por pesquisadores de instituições como o Museu Nacional do Rio de Janeiro, a Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente – FEEMA e Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Especial esforço foi feito nas últimas duas décadas em levantamentos de informações em Unidades de Conservação já instituídas ou objetivando a criação de outras. Já o conhecimento faunístico ainda é precário para a maioria dos grupos, inclusos vertebrados.

- *Flora*

A vegetação de restinga de norte a sul do litoral brasileiro se caracteriza por uma grande diversidade de habitats, formando mosaicos compostos por grupos distintos de espécies vegetais. As restingas são, em geral, oriundas de formações vegetais mais antigas, já que a planície costeira é relativamente recente do ponto de vista geológico. As espécies que compõem essa paisagem são adaptadas a combinações de estresse tais como: alta temperatura, salinidade, escassez de água, vento, inundação periódica ou permanente e oligotrofismo (Silva, 1999).

A vegetação das restingas fluminenses apresenta variada forma de vida - ervas, arbustos, árvores e lianas – o que reflete na variedade de comunidades vegetais presentes. As restingas apresentam similaridade com diversos outros biomas brasileiros, especialmente com a Mata Atlântica (Araújo, 2000). Tal fato é confirmado pela alta representatividade das famílias Leguminosae, Rubiaceae, Bromeliaceae, Orchidaceae, Myrtaceae e Gramineae, que também destacam-se nas formações de Mata Atlântica (Araújo, 2000; Rocha *et al.*, 2003).

Araújo (2000) apresenta uma lista de 1005 espécies, distribuídas em 479 gêneros e 112 famílias vegetais para o Estado do Rio de Janeiro. Como reflexo das condições físicas dos ambientes de restinga distingue-se os agrupamentos das espécies e tipos vegetacionais, o que em última instância resulta na formação das comunidades vegetais a seguir:

- ✓ *Formações Herbáceas*

Essas formações localizam-se nas faixas de praia e anteduna. Esses locais são eventualmente atingidos por marés altas, ou estão em depressões alagáveis denominadas de “brejos”. Tais formações têm sido muito impactadas pela expansão da ocupação e urbanização da zona costeira.

1) Formação praial graminóide (halófila e psamófila reptante): Essa faixa de vegetação pode possuir largura de 3-15 m, com início próximo à escarpa praial, podendo chegar a cobrir totalmente o cordão externo da restinga. Nesta comunidade ocorrem aproximadamente 16 espécies, sendo as mais freqüentes

*Blutaparon portucaloides*, *Panicum racemosum* e *Sporobolus virginicus*. A Figura II.5.2-53 ilustra uma comunidade psamófila reptante.



**Figura II.5.2-53** - Aspecto da comunidade psamófila reptante. Fonte: Petrobras

2) Formação graminóide com arbustos (herbácea brejosa): Registram-se cerca de 67 espécies para esta formação, que é geralmente encontrada nas depressões entre cristas de praia e nas extremidades dos braços de lagoas. Possui representantes de gramíneas, ciperáceas, pteridófitas, além das insetívoras *Drosera intermedia* (Figura II.5.2-54), *Utricularia tricolor* e *U. erectiflora*, registradas nessa formação em Jurubatiba.



**Figura II.5.2-54 - Drosera intermedia (planta insetívora).**

Fonte: [ct.botanical-society.org/galleries/droserainte.html](http://ct.botanical-society.org/galleries/droserainte.html)

#### ✓ Formações Arbustivas

Essas formações são, geralmente, reconhecidas como a restinga propriamente dita. Apresentam vegetação característica e aspectos fisionômicos variados, com moitas variando em altura e extensão, podendo ser intercalada por áreas abertas de areia exposta. As moitas formam emaranhados densos de arbustos e trepadeiras com abundância de bromélias terrícolas e cactáceas.

1) Formação pós-praia (arbustiva fechada de pós-praia): Essa faixa de vegetação cobre a crista do cordão arenoso externo. É de difícil penetração por ser densa e lenhosa, com presença de várias espécies apresentando espinhos. Apesar do estrato herbáceo ser praticamente inexistente nesse tipo de formação, são identificadas em torno de 40 espécies herbáceas para ela. Entre as espécies arbustivas, as mais freqüentes são: *Schinus terebinthifolius*, *Capparis flexuosa* e *Sophora tomentosa*. As espécies herbáceas mais freqüentes são a *Bromelia antiacantha* e *Cereus fernambucensis*.

2) Formação de Clusia (arbustiva aberta de *Clusia*): É constituída por moitas densas de tamanhos variados, intercaladas por espaços de areia nua e/ou locais

de vegetação esparsa (Zaluar & Scarano, 1998). Foi levantado um total de 141 espécies para essa formação (Figura II.5.2-55B). As espécies *Clusia hilariana* e *Eugenia rotundifolia* são encontradas em todas as categorias de moitas. A Figura II.5.2-55A (a) mostra exemplares de Guriri (*Allagoptera arenaria*), espécie dominante nos espaços de areia entre as moitas densas e espécie mais importante das moitas pequenas.



**Figura II.5.2-55 - Vegetação típica da formação “arbustiva aberta de Clusia”. (A) *Allagoptera arenaria*; (B) vista geral.**

Fonte: [www.icb.ufmg.br/~peld/port\\_site05.pdf](http://www.icb.ufmg.br/~peld/port_site05.pdf)

3) Formação de Ericácea (arbustiva aberta de Ericaceae): Essa faixa de vegetação caracteriza-se por moitas de vários tamanhos, de formas irregulares e separadas por corredores de vegetação herbácea, densa ou esparsa, ou ainda indivíduos isolados de *Allagoptera arenaria* (guriri). Um total de 105 espécies já foi levantado, sendo a família Myrtaceae a de maior riqueza nesta formação. Como exemplos dessa família o guamirim-branco (*Calyptanthes brasiliensis*), aperta-goela (*Eugenia rotundifolia*), araçá (*Myrcia lundiana*), entre outras. No Quadro II.5.2-19 encontram-se listadas as espécies mais freqüentes da Formação de Ericácea. Dentre as 43 espécies lenhosas identificadas nessa formação, são citadas as mais freqüentes.

**Quadro II.5.2-19 - Espécies vegetais mais freqüentes de alguns tipos vegetacionais da Formação de Ericaceae.**

TIPO	ESPÉCIES
Herbáceas	<i>Allagoptera arenaria</i> (Guriri)
	<i>Cuphea flava</i> (Cufea)
	<i>Chamaecrista ramosa</i>
	<i>Evolvulus genistoides</i>
	<i>Marcetia taxifolia</i>
	<i>Turnera ulmifolia</i>
Ciperáceas e Gramíneas	<i>Aechmea nudicaulis</i> (Bromélia)
	<i>Cereus fernambucensis</i> (Cacto)
	<i>Vriesia neoglutinosa</i>
	<i>Bonnetia stricta</i> (Abriçó-do-nativo)
	<i>Pilosocereus arrabidaei</i> (Cacto)
Lenhosas	<i>Clusia hilariana</i> (Guanandi-de-areia)
	<i>Protium icicariba</i> (Amescla)
	<i>Ocotea notata</i> (Canela-do-brejo)
	<i>Calyptranthes brasiliensis</i> (Guamirim-branco)
	<i>Myrcia lundiana</i> (Araça)
	<i>Rapanea parvifolia</i>
	<i>Humiria balsamifera</i>
	<i>Tocoyena bullata</i>
<i>Erythoxylum subsessile</i>	

Fonte: Araújo (2000)

4) Formação Arbustiva aberta de Palmae: Essa vegetação situa-se no cordão externo, na parte voltada para o continente, sendo a palmeira *Allagoptera arenaria* a espécie dominante dessa formação. Essa formação é característica de áreas de mata de cordão arenoso ou arbustiva pós-praia, que foram devastadas ou que estão sob a ação de queimadas periódicas.

#### ✓ *Formações Florestais*

Os aspectos florísticos e estruturais das formações florestais das áreas de restinga apresentam características associadas às influências das formações vegetacionais adjacentes e ao tipo de substrato, ou seja, sua origem, composição e condições de drenagem. Esses tipos de floresta acompanham as variações

topográficas decorrentes da justaposição dos cordões litorâneos. O dossel desta formação tem altura mínima de 5 m e pode alcançar até 15 ou 20 m, em locais, em geral, livres de inundações.

1) Formação de mata de restinga (mata periodicamente inundada): Caracteriza-se por um dossel com cerca de 20 m. Localizam-se nas depressões entre os cordões arenosos. São locais com grande acúmulo de serrapilheira na superfície do solo. Entre as espécies arbóreas destacam-se: *Tapirira guianensis* (Tapiriri ou Capuiva), *Symphonia globulifera* (Landi), *Calophyllum brasiliense* (Jacareúba, olandi ou guanandi), *Andira fraxinifolia* (Angelim-coco), *Tabebuia cassinoides* (Tagibibuia ou caixeta), *Ficus clusiifolia* (Figueira vermelha), *Slonea guianensis* (Gindiba). No total foram registradas 91 espécies para essa formação, que está sujeita ao afloramento do lençol freático na estação chuvosa.

2) Formação de mata paludosa (mata permanentemente inundada): Caracteriza-se por manchas de vegetação arbórea pouco densas, onde o dossel alcança de 10 a 15 m. O solo encontra-se permanentemente inundado devido ao afloramento do lençol freático. Dentre as espécies tolerantes a esse regime hídrico encontram-se: *Rapanea umbellata* (Caparoroca), *Tibouchina trichopoda* (Quaresmeira), *Alchornia triplinervia* (Iporuru), *Annona glabra*, *Sapium glandulatum* (Pau-de-leite) e *Tabebuia cassinoides* (Tagibibuia ou caixeta - a mais dominante neste tipo de formação). Uma estratégia que favorece a germinação, por exemplo, de bromeliáceas como *Aechmea bromeliifolia* (Figura II.5.2-56) é o acúmulo de serrapilheira na base das árvores formando pequenas ilhas.



**Figura II.5.2-56 - Aechmea bromeliifolia.**

Fonte: [ww.floraguide.es/arboles/Aechmea bromeliifolia](http://ww.floraguide.es/arboles/Aechmea_bromeliifolia)

3) Formação mata de cordão arenoso: Essa formação caracteriza-se por um dossel entre 12-15 m, estando situada na parte mais alta do cordão arenoso. Uma amostra da sua diversidade florística é apresentada no Quadro II.5.2-20.

**Quadro II.5.2-20 - Espécies vegetais levantadas nos remanescentes da Formação mata de cordão arenoso.**

TIPO	ESPÉCIES
Árbóreas	<i>Aspidosperma parvifolium</i> (Guatambu)
	<i>Copaifera langsdorfii</i> (Óleo de copaíba)
	<i>Pseudopiptadenia contorta</i> (Angico)
	<i>Pterocarpus rohrii</i> (Aldrigo)
	<i>SeQUIERIA langsdorfii</i> (Laranjeira brava)
	<i>Simarouba amara</i> (Maruba)
	<i>Zizyphus platyphylla</i>
	<i>Qualea cryptantha</i> (Lacreiro)
	<i>Xylopia sericea</i> (Coração)
	<i>Opuntia brasiliensis</i> (Cuija)

(continua)

Quadro II.5.2-20 (conclusão)

TIPO	ESPÉCIES
Arbustos	<i>Duguetia sessilis</i>
	<i>Capparidastrium brasilianum</i>
	<i>Algernonia obovata</i>
	<i>Nectandra psammophila</i>
	<i>Pavonia alnifolia</i> (Guêta)
	<i>Mollinedia glabra</i> (Orelha-de-boi)
	<i>Metrodorea nigra</i>
	<i>Eugenia apiocarpa</i>
	<i>Myrcia fallax</i> (Araçá)

Fonte: Araújo (2000)

No trecho de influência do PDET são quase ausentes as formações contínuas de formação de ecossistema. As formações em melhor estado são as formações presentes nas Unidades de Conservação. Merecem destaque as formações do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba englobando 3 (três) municípios do norte fluminense (Macaé, Carapebus e Quissamã), Reserva Estadual de Jacarepiá e APA Massambaba, ambas em Saquarema. Em escala menor são presentes formações importantes nos municípios de Rio das Ostras, Armação dos Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo. Esses três últimos são citados como centro de diversidade, sendo a presença das formações de restinga de extrema importância (Araújo, 1997).

- *Fauna*

Em Maciel (1984) e Esteves & Lacerda (2000) são relacionadas espécies de diversos grupos faunísticos de ocorrência nas restingas do litoral do Rio de Janeiro, no entanto são ausentes sínteses dessas informações atualizadas. Vale observar que áreas de restinga conectadas a outras formações de mata mostram-se mais hospitaleiras para a fauna, principalmente para os grupos de anfíbios, aves e mamíferos (Rocha *et al.*, 2003).

Dentre as restingas do litoral fluminense, a área de restinga inserida no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, além de ser a primeira unidade de conservação dirigida a esse ecossistema, é o local onde ainda são encontradas espécies características da fauna desse ambiente que já estão extintas em outras

restingas do estado. Essa restinga está entre as consideradas de elevada importância para a conservação da diversidade biológica dos vertebrados nas restingas do corredor da Serra do Mar (Rocha *et al.*, 2003).

### ✓ Anfíbios

Muitas das espécies de anfíbios encontradas nas restingas habitam, também, as matas de baixada, de encosta ou de planalto. São animais muito dependentes da água, com a maioria das espécies apresentando larvas aquáticas. A água disponível na restinga está acumulada em poças, pequenos lagos estuarinos e em bromélias. Nas zonas de mata de restinga abrigam-se as espécies de desenvolvimento direto, já que a cobertura vegetal e umidade são maiores. Esta é a zona da restinga mais propícia à sobrevivência e reprodução dos anfíbios (Silva *et al.*, 2000).

No Quadro II.5.2-21 estão listadas as espécies de anfíbios de ocorrência nas restingas do estado do Rio de Janeiro.

**Quadro II.5.2-21 - Lista de espécies de anfíbios de ocorrência comprovada ou provável no Estado do Rio de Janeiro.**

NOME ESPECÍFICO	HABITAT	HÁBITOS/REPRODUÇÃO
<i>Bufo crucifer</i>	R	Reprodução em pequenos lagos estuarinos
<i>Bufo ictericus</i>	R	Reprodução em pequenos lagos estuarinos
<i>Bufo pygmaeus</i>	M	Desova em água no solo
<i>Eleutherodactylus parvus</i>	R	Desenvolvimento direto
<i>Hyla afim de branneri</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Hyla albomarginata</i>	R	Reprodução em pequenos lagos estuarinos
<i>Hyla bipunctata</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Hyla elegans</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Hyla faber</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Hyla meridiana</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Hyla minuta</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Leptodactylus fuscus</i>	M/R	Desova em ninhos de espuma em tocas no solo
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	M/R	Desova em ninhos de espuma em tocas no solo

(continua)

Quadro II.5.2-21 (conclusão)

NOME ESPECÍFICO	HABITAT	HÁBITOS/REPRODUÇÃO
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	M/R	Ninho de espuma na água
<i>Osteocephalus langsdorffii</i>	R	Reprodução em pequenos lagos estuarinos
<i>Phrynohyas mesophae</i>	R	Reprodução em pequenos lagos estuarinos
<i>Phyllomedusa rohdei</i>	R	Reprodução explosiva
<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	B	Desenvolvimento direto
<i>Scinax argyreornatus</i>	R	Reprodução em poças no solo
<i>Scinax littoreus</i>	M/R	Bromelígenas com larvas
<i>Scinax perpusillus</i>	M/R	Bromelígenas com larvas
<i>Scinax similis</i>	M/R	Bromelícolas
<i>Sphaenorhynchus planicola</i>	R	Reprodução em poças no solo
<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>	M/R	Bromelícolas
<i>Xenophyla truncata</i>	M/R	Bromelícolas

Fonte: Silva *et al.* (2000)

Legenda: M: zona de moitas; R: zona de mata de restinga; B: zona de brejos de restinga

### ✓ Répteis

Os répteis são geralmente abundantes nas restingas por possuírem uma ecofisiologia adaptada a condições adversas, tais como escassez de água livre, altas temperaturas e elevadas taxas de insolação, típicas deste ambiente. Os habitats de restinga, com sua vegetação aberta e substrato arenoso, favorecem um elevado aporte de iluminação solar entre os espaços da vegetação e possibilitam uma maior reflexão da luz, o que aumenta os efeitos térmicos, mostrando-se a variável mais importante para a definição das comunidades de lagartos (Rocha, 2000).

O grupo dos lagartos é o mais estudado dentre os répteis (Rocha, 2000). Dentre as espécies de lagarto mais abundantes nas restingas encontram-se: *Tropidurus torquatus* (Tropiduridae); *Ameiva ameiva*, *Cnemidophorus littorallis*, *C. nativo* e *Tupinambis merianae* (Teiidae); *Mabuya agilis* e *M. macrorhyncha* (Scincidae); *Gymnodactylus darwinii* e *Hemidactylus mabouia* (Gekkonidae). Três destas espécies encontram-se representadas nas Figuras II.5.2-57A, B e C.

As diferenças de fisionomia e estrutura da vegetação, além de variações na composição florística entre as restingas da costa brasileira, são determinantes das comunidades de répteis ocorrentes. Apenas *Tropidurus torquatus* e *Ameiva*

ameiva ocorrem em todas as restingas já estudadas nas regiões sudeste e sul do nordeste (Rocha & Bergallo, 1997 *apud* Rocha, 2000).



**Figuras II.5.2-57** – A - *Tropidurus torquatus* (*Tropiduridae*); B - *Ameiva ameiva* (*Teiidae*); e C - *Liolaemus lutzae*.

Fontes: [www.unb.br/ib/zoo/grcolli/guia/ttorquatus.htm](http://www.unb.br/ib/zoo/grcolli/guia/ttorquatus.htm);  
[www.unb.br/ib/zoo/grcolli/guia/ttorquatus.htm](http://www.unb.br/ib/zoo/grcolli/guia/ttorquatus.htm); Petrobras/AS.

#### ✓ Aves

As aves presentes nas restingas da costa brasileira são também encontradas em outras paisagens abertas e semi-abertas (Sick, 2001). Acredita-se que as restingas são áreas de dispersão de diversas espécies da Mata Atlântica (Cerqueira, 1984; Gonzaga *et al.*, 2000) e que, algumas espécies comumente encontradas nas restingas parecem utilizá-las apenas como áreas opcionais para alimentação (Reis, 1998; Gonzaga *et al.*, 2000).

As restingas fluminenses estão sofrendo alterações na composição de sua avifauna, o que parece ter relação direta com o desmatamento das matas de baixada do Estado, ligadas às matas de restinga no passado. As conseqüências dessa redução de habitats é o empobrecimento da riqueza de espécies florestais antes presentes nas restingas e enriquecimento de espécies generalistas, além de algumas invasoras recentes (Pacheco *et al.*, 1996; Reis, 1998; Gonzaga *et al.*, 2000).

Em levantamento dos dados existentes sobre a avifauna das restingas do Estado do Rio de Janeiro, foram encontradas 143 espécies residentes e 125 não residentes. Dentre as espécies residentes, apenas 10 estão restritas a somente dois ou três domínios morfoclimáticos, sendo que mais da metade das espécies ocorre em todos os domínios, o que demonstra a baixa especificidade desse

ambiente. Como as restingas do Estado estão dentro do domínio da Mata Atlântica, 98% das aves residentes nas restingas ocorrem em alguma formação da Mata Atlântica. Além disso, de um total de 33 táxons endêmicos do domínio da Mata Atlântica, vinte são residentes e treze não residentes das restingas (Reis & Gonzaga, 2000). No Quadro II.5.2-22 estão listadas todas as espécies ocorrentes nas residentes nas restingas fluminenses.

**Quadro II.5.2-22 - Lista das espécies de aves residentes\* das restingas fluminenses.**

NOME ESPECÍFICO	NOME COMUM
<b>PSITTACIDAE</b>	
<i>Amazona rhodocorytha</i>	Chauá
<b>FALCONIDAE</b>	
<i>Falco sparverius</i>	Gavião-da-restinga; Quiriquirei
<i>Leucopternis lacernulata</i> (VULNERÁVEL IUCN)	Gavião pomba
<i>Polyborus plancus</i>	Carcará
<i>Milvago chimachima</i>	Gavião-carrapateiro
<b>CAPRIMULGIDAE</b>	
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Curiango; Bacurau
<i>Hydropsalis brasiliana</i>	Bacurau-tesoura
<b>CUCULIDAE</b>	
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto
<i>Guira guira</i>	Anu-branco
<b>CHARADRIIDAE</b>	
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
<i>Charadrius collaris</i>	Batuíra-de-coleira
<b>ACCIPITRIDAE</b>	
<i>Elanus leucurus</i>	Peneira; Penereiro-cinzento
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião carijó
<b>STRIGIDAE</b>	
<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-buraqueira
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i>	Murucututu-de-barriga-amarela
<b>TROCHILIDAE</b>	
<i>Phaethornis idaliae</i>	Besourinho
<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	Besourinho-de-bico-vermelho
<i>Amazilia fimbriata tephrocephala</i>	Beija-flor-da-garganta-verde

(continua)

Quadro II.5.2-22 (conclusão)

NOME ESPECÍFICO	NOME COMUM
<b>NYCITIBIIDAE</b>	
<i>Nyctibuis griséus</i>	Urutau
<b>FORMICARIDAE</b>	
<i>Formicivora erythronotos</i> (EM PERIGO! IUCN)	Formigueiro-de-cabeça-negra; Papa- formiga
<b>PICIDAE</b>	
<i>Picumnus c. cirratus</i>	Pica-pau-anão-barrado
<i>Celeus f. favescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela
<i>Veniliornis maculifrons</i>	Pica-pauzinho-de-testa-pintada
<b>THAMNOPHILIDAE</b>	
<i>Thamnophilus ambiguus</i>	
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i>	Choquinha-de-flanco-branco
<b>THRAUPINAE</b>	
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço-cizento
<b>TYRANNIDAE</b>	
<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha
<i>Cnemotriccus f. fuscatus</i>	Guaracavuçu
<b>PIPRIDAE</b>	
<i>Manacus manacus gutturosus</i>	Rendeira
<b>TROGLODYTIDAE</b>	
<i>Thryothorus l. longirostris</i>	Garrinção-de-bico-grande
<b>MIMIDAE</b>	
<i>Mimus gilvus antelius</i> ***	Sabiá-da-praia
<b>VIREONIDAE</b>	
<i>Hylophilus t. thoracicus</i>	Vite-vite
<b>EMBERIZIDAE</b>	
<i>Ramphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue
<i>Cyanerpes cyaneus holti</i>	Saíra-beija-flor
<i>Cacicus haemorrhous affinis</i> **	Guaxe ou Japira
<i>Agelaius cyanopus atroolivaceus</i>	Carretão

Fonte: Reis & Gonzaga (2000), Gonzaga *et al.* (2000), Sick (2001), <http://www.adeja.org.br>.

\*que provavelmente se reproduzem na restinga

\*\* registro na área de restinga do município de Carapebus (RJ)

\*\*\* sub-espécie encontrada exclusivamente nas restingas do Estado do Rio de Janeiro.

## ✓ Mamíferos

Assim como os outros grupos de vertebrados, os mamíferos das restingas da costa brasileira são pouco conhecidos e ocorrem em diversas outras formações vegetais. Não existe registro de espécies de mamíferos endêmicos de restinga (Cerqueira, 1984; Maciel, 1984; Cerqueira 2000). Uma listagem de mamíferos para o Parque Nacional de Jurubatiba só foi disponibilizada em 2004 com o trabalho de Bergallo *et al.* (2004).

Com o desmatamento das matas de baixada e loteamento das áreas litorâneas, os grandes mamíferos das restingas fluminenses estão desaparecendo do litoral, sendo encontrados apenas nas áreas florestadas onde ainda tem condições de sobreviver (MMA, 2002a). Dentre os mamíferos de maior porte ainda encontrados nas restingas incluem-se os gambás, os ouriços-cacheiros e as preás, além de, eventualmente, o tapeti, o cachorro-do-mato, a paca e a cotia (Maciel, 1984).

No Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba já foram identificadas 17 espécies de mamíferos, divididas em 11 famílias. Entre as mais importantes estão: Dasypodidae (tatus), Felidae (felinos), Mustelidae (lontras e ariranhas) e Prosimiidae (quatis, mão-peladas, guaxinis) (Nunes *et al.*, 2001).